

Livro examina raiz intelectual compartilhada de PSDB e PT

Marcelo Ridenti

Folha de S. Paulo, 15.jan.2025

Fabio Mascaro Querido mapeia debate acadêmico em São Paulo que gestou dois protagonistas da política nacional

[RESUMO] O recém-lançado "Lugar Periférico, Ideias Modernas" propõe que a disputa entre PSDB e PT, os principais adversários da política brasileira das décadas de 1990 a 2010, remonta à chamada tradição crítica paulista, sublinhando o seminário de "O Capital" liderado por FHC e José Arthur Giannotti e a trajetória do marxismo acadêmico, que pretendia superar o nacional-desenvolvimentismo e concebia a formação social brasileira como ângulo privilegiado de análise das contradições do capitalismo.

Dos anos 1990 a meados dos 2010, o [PSDB](#) e o [PT](#) foram os principais protagonistas e adversários da cena política nacional, como se sabe. Ambos vinham da oposição à ditadura e eram críticos da política anterior ao [golpe de 1964](#), considerada populista.

Menos conhecida é a base intelectual dessa disputa, cuja história é o tema de "[Lugar Periférico, Ideias Modernas: aos Intelectuais Paulistas as Batatas](#)" (Boitempo), de Fabio Mascaro Querido. O livro recém-lançado propõe que ela teve origem em debates acadêmicos em São Paulo a partir do final da década de 1950, particularmente no seminário de "O Capital" liderado por [Fernando Henrique Cardoso](#) e [José Arthur Giannotti](#), de que fizeram parte o historiador [Fernando Novais](#), o sociólogo [Octavio Ianni](#), a antropóloga [Ruth Cardoso](#), o economista [Paul Singer](#) e os então jovens estudantes de ciências sociais [Roberto Schwarz](#), [Michael Löwy](#) e [Francisco Weffort](#).

Todos são figuras-chave da chamada tradição crítica paulista, que ganhou destaque nacional no contexto de combate à ditadura e posterior redemocratização e os levou a caminhos intelectuais e políticos que, embora distintos, se assentavam sobre uma base que se tornava predominante na interpretação da sociedade brasileira.

Formava-se o marxismo acadêmico, que se pretendia cientificamente rigoroso e politicamente radical. O intuito era superar as correntes intelectuais nacional-desenvolvimentistas hegemônicas até 1964, ancoradas em instituições como a Cepal (Comissão Econômica para a América Latina e o Caribe), o Iseb (Instituto Superior de Estudos Brasileiros) e o [PCB \(Partido Comunista Brasileiro\)](#) e com forte influência nos meios intelectuais e artísticos.

"Do alto de seu provincianismo", escreve o autor, "os intelectuais paulistas da USP se colocaram como artífices de uma modernidade de coloração mais 'universal', em oposição à modernidade nacional ou nacionalista almejada pelos intelectuais vinculados ao ideário nacional-desenvolvimentista", estes atuantes, sobretudo, no Rio de Janeiro.

Os paulistas apontavam os equívocos das análises dualistas que contrapunham a modernidade ao atraso, o desenvolvimento ao subdesenvolvimento, o interno ao externo, mostrando —cada autor a seu modo e em diálogo com seus pares— que os polos dessa dualidade eram inseparáveis na formação social brasileira, periférica e, por isso mesmo, com o melhor ângulo para observar criticamente o capitalismo como sistema mundial.

Aos poucos, Fabio Querido introduz com clareza personagens que atuaram em São Paulo ao longo dos anos: Florestan Fernandes, [Antonio Candido](#), Maria Sylvia de Carvalho Franco, [Francisco de Oliveira](#), [Marilena Chaui](#), [Paulo Arantes](#) e tantos outros, cujas obras principais são comentadas sinteticamente em debate umas com as outras.

O livro não se propõe a interpretar o conjunto da vida intelectual brasileira, mas, ao apresentar um mapeamento inédito e muito bem realizado da tradição acadêmica paulista, ajuda a iluminar o cenário mais abrangente, já que intelectuais de vários estados e diversas orientações teóricas compõem como interlocutores.

O livro analisa ainda o segundo seminário de "O Capital", já no contexto da ditadura. Acadêmicos como Ruy Fausto, Emília Viotti, Emir Sader, João Quartim e Sérgio Ferro se juntaram aos que haviam participado do primeiro seminário. Houve casos de prisão e tortura.

A trajetória de Roberto Schwarz, constringido ao exílio, serve de "fio vermelho" que conduz a análise do livro. Fabio Querido dedica atenção ao conjunto da obra de Schwarz, lida à luz de Adorno e de pensadores pouco próximos, notadamente Gramsci, em um dos trechos mais criativos do texto, que aponta afinidades inesperadas na abordagem da questão nacional.

Em 1969, o Cebrap (Centro Brasileiro de Análise e Planejamento) foi fundado, depois da expulsão da universidade de professores considerados subversivos. Com financiamento da Fundação Ford e novamente liderado por Cardoso e Giannotti, o novo centro agregou antigos membros do seminário de "O Capital", como Singer e depois Ianni, e novos integrantes, como o pernambucano Francisco de Oliveira.

O Cebrap desempenharia papel fundamental na redemocratização, [ao se ligar ao MDB de Ulysses Guimarães antes das eleições de 1974](#), surpreendentemente bem-sucedidas para o Congresso. Foi o primeiro passo para a entrada de Cardoso na vida política institucional, em carreira que culminaria com a Presidência da República décadas depois. FHC era apoiado por amigos dos velhos tempos do seminário e do Cebrap.

No seio da instituição, também estiveram cientistas sociais que integrariam o PT, como Weffort, que deixaria o Cebrap em 1976, ajudando a criar o Cedec (Centro de Estudos de Cultura Contemporânea), afinado com os chamados novos movimentos sociais e pensando a política a partir das bases da sociedade, não do Estado. Weffort teria papel importante na direção do PT, partido que deixaria para participar do ministério de Cardoso.

Uma contribuição da obra é pensar os anos 1980 como "a década que não estava perdida", destacando o florescimento do debate intelectual subjacente ao processo que daria luz aos partidos nascidos em São Paulo que dominariam a cena política a partir da década seguinte, PSDB e PT, dividindo os intelectuais que andaram juntos na oposição à ditadura.

De um lado, os que viam a necessidade da composição pluriclassista para consolidar a democracia. Do outro, os contrários à "transição pelo alto", valorizando as lutas sociais por direitos, com uma franja de autonomistas como Marilena Chaui, Eder Sader e Marco Aurélio Garcia.

Eles questionavam as vanguardas leninistas, o sindicalismo estabelecido e o delineamento da vida social pelo Estado, apostando na auto-organização dos trabalhadores fora das instituições, com a entrada em cena de novos personagens das

classes populares. Essa corrente perdeu espaço, pois a institucionalidade logo predominaria na política.

Para Fabio Querido, os anos 1990 foram dominados pelo "espectro neoliberal" após o fim do socialismo na Europa e o intelectuais paulistas se dividiram entre "adaptados e resistentes".

Os primeiros, conduzidos por Cardoso, que formou "uma coalizão liberal-conservadora à qual caberia preparar o país para a inserção vantajosa no mundo globalizado". Já os resistentes estavam com o PT, alguns deles agrupados no Cenedic (Centro de Estudos de Direitos de Cidadania), da USP, caso de Francisco de Oliveira, que se tornaria um dos críticos mais ácidos do seu antigo partido, com a moderação das posições do PT até a vitória de [Lula](#) à Presidência.

Por sua vez, revendo o passado dos intelectuais paulistas de seu grupo, Schwarz constatou que uma parte deles, almejando salvar o país, acabou salvando o capitalismo neoliberal à brasileira.

Parece pertinente a proposta do livro de estabelecer o seminário de "O Capital" como a origem do marxismo acadêmico, apesar da mitologia a respeito, contestada pelos que não participaram dele —como, aliás, a obra não ignora. Afinal, foi um grupo pioneiro de universitários destacados propondo usar o materialismo histórico de modo original para interpretar a sociedade brasileira, o que teria forte impacto na vida acadêmica e política do país.

Mas não seria fora de propósito recuar um pouco no tempo e ver as conexões, por exemplo, com intelectuais da esquerda democrática surgida no fim do Estado Novo, que viria a constituir o PSB (Partido Socialista Brasileiro). O mesmo viés anti-Vargas e crítico do Partido Comunista e dos nacionalistas estava presente, por exemplo, em [Mário Pedrosa](#), Antonio Candido e Sérgio Buarque de Holanda, ligados ao antigo PSB. Não por acaso, eles viriam a ser adeptos de primeira hora da criação do PT, em 1980.

Sob uma perspectiva da nova geração, Fabio Querido ajuda a recolher e colar os cacos da tradição intelectual de que é um dos herdeiros, passo indispensável para compreender o poço escuro e sem fundo em que a sociedade brasileira veio parar no contexto atual de rápido avanço da barbárie em escala planetária.